

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

UM NOVO OLHAR SOBRE A ARTE DE FAZER E VER O CINEMA A
PARTIR DA ESCOLA.

Maria Detânia Scari

Belo Horizonte

2015

Maria Detânia Scari

UM NOVO OLHAR SOBRE A ARTE DE FAZER E VER CINEMA A PARTIR DA
ESCOLA.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a obtenção
do título de Especialista em Educação e
Cinema, pelo Curso de Especialização em
Formação de Educadores para Educação
Básica, da Faculdade de Educação/
Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Carmen Lucia Eiterer

Belo Horizonte

2015

Maria Detânia Scari

UM NOVO OLHAR SOBRE A ARTE DE FAZER E VER CINEMA A PARTIR DA
ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a obtenção
do título de Especialista em Educação e
Cinema, pelo Curso de Especialização em
Formação de Educadores para Educação
Básica, da Faculdade de Educação/
Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovado em 09 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR: PROFESSORA DOUTORA CARMEN LÚCIA EITERER

CONVIDADO: PROFESSORA DOUTORA AMARILIS COELHO CORAGEM

A minha amada Luísa, que sua vida seja repleta de arte e cinema.

Agradecimentos

À minha orientadora Carmen Lucia Eiterer, que tornou possível a conclusão deste TCC, aos meus alunos, sem os quais este projeto não teria acontecido e nem faria sentido, ao meu esposo querido, Emerson, pelo apoio e amor incondicionais, à minha filhinha Luísa por ter suportado tantos dias longe de mim e à amiga Patrícia Sá por tornar os sábados bem mais divertidos.

“Caminha-se por vários dias entre árvores e pedras. Raramente o olhar se fixa numa coisa, e, quando isso acontece, ela é reconhecida pelo símbolo de alguma outra coisa: a pegada na areia indica a passagem de um tigre; o pântano anuncia uma veia de água; a flor do hibisco, o fim do inverno. O resto é mudo e intercambiável - árvores e pedras são apenas aquilo que são.

(...)

Como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde, ao se sair de Tamara é impossível saber. Do lado de fora, a terra estende-se vazia até o horizonte, abre-se o céu onde correm as nuvens. Nas formas que o acaso e o vento dão às nuvens, o homem se propõe a reconhecer figuras: veleiro, mão, elefante...”

(As cidades e os símbolos 1 – Ítalo Calvino)

Resumo

Este Plano de Ação foi desenvolvido com o objetivo de levar o cinema como arte aos jovens estudantes do 9.º ano do ensino fundamental da Escola Municipal José Maria Alkimim. O principal objetivo foi levar o cinema para os alunos como uma experiência estética nova, um novo olhar para se ver o cinema, tornando-os expectadores mais críticos e mediadores em relação a seus pares, para isso elaboramos um plano de intervenção pedagógica. Além do referencial teórico sobre cinema e escola, como metodologia foram utilizados a exibição de filmes e documentários, e um pouco da história do cinema, some-se o fato de que eles produziram seus próprios filmes, visando sensibilizar e despertar a atenção destes jovens para o cinema. Conseguimos desenvolver um interesse e gosto maiores nos adolescentes em relação ao cinema.

Palavras chave: cinema - Educação – mediadores – jovens.

SUMÁRIO

1.Introdução.....	9
2.Referencial teórico.....	14
3.Contexto do desenvolvimento e realização do plano de ação.....	18
3.1- a escola.....	18
3.2- sujeitos envolvidos.....	18
3.3- desenvolvimento.....	19
3.4- análise de resultados.....	33
4.Conclusão.....	34
Referências.....	35
Anexos.....	36

1 – INTRODUÇÃO

“Não gosto até da palavra espectador. Ou melhor, da palavra eu gosto. Não gosto é do público, da palavra "público" é que não gosto muito. Porque públicas são as cadeiras do cinema; são públicas. Agora, as pessoas que se sentam nelas, são pessoas, verdadeiramente pessoas, e cada um é distinto do outro. Cada um é um ser autêntico, e, portanto, nem todos estarão aptos ou sensíveis a uma sinfonia, a um trabalho qualquer, seja de que ordem for.” (Manoel Oliveira)

Sempre fui fascinada pela história, principalmente por seus aspectos culturais, razão de eu ter escolhido cursar graduação em História em 1996. Durante todo curso procurei fazer e participar de disciplinas, palestras e cursos relacionados a aspectos socioculturais. Um dos mais significativos foi o curso de História, Cultura e Patrimônio o qual cursei na Universidade Católica Portuguesa, na cidade do Porto, Portugal, onde pude ampliar meus conhecimentos sobre a história e a cultura portuguesas, podendo também ter um contato direto com a arte e a arquitetura de Portugal. Participei ainda de cursos voltados diretamente para museus, como os de Concepção Museológica: Planejamento e Montagem de Exposições e de Princípios Básicos de Conservação, ambos oferecidos pela Superintendência de Museus e IEPHA/MG. Eles me permitiram conhecer o funcionamento de um Museu, seus desafios, problemas, tornando mais fácil hoje o meu trabalho, sobretudo quando organizo visitas de alunos a algum museu ou exposição. Participei também do encontro com museus, no Museu Histórico Abílio Barreto, voltado diretamente para área pedagógica de um museu. Demais cursos foram ligados à Política e formação do povo brasileiro.

Meu primeiro contato com a sala de aula se deu quando estagiei no Laboratório de Arqueologia Histórica, na área de conservação e restauração de vestígios arqueológicos, o que enriqueceu muito o meu conhecimento a respeito das pessoas que aqui viveram, bem como dos vestígios deixados pelas mesmas. Fui também estagiária no projeto de ensino médio para jovens e adultos, COLTEC/UFMG, ampliando – assim – minha experiência em sala de aula em 1999.

Quanto às minhas leituras, destaco como um dos livros que mais marcou minha trajetória acadêmica “A Conquista da América: A questão do outro, de Tzvetan Todorov”, onde é trazida a questão da descoberta do outro ou do eu enquanto outro. Este livro mudou a minha concepção de olhar sobre o outro, que é diferente de mim, mas que ao mesmo tempo faz parte da mesma totalidade que eu, além disso, me ajudou e ainda ajuda a ser mais tolerante

com o diferente, em caso prático, hoje, meus alunos, a fim de que eu os veja como um todo e de que minhas ideias não devem ser impostas, mas sim reinventadas. Outro livro que destaco é “As Cidades Invisíveis” de Italo Calvino, que nos leva a mais abrangente simbologia. Este livro abriu a minha mente para compreender que tudo a nossa volta são símbolos, e é isto que procuro mostrar aos meus alunos, que saibam ler os símbolos, a iconografia que nos cerca.

Já entrei para faculdade de História com o objetivo de optar no final do curso pela licenciatura, sempre desejei ser professora, pois queria que meus alunos vissem que o estudo de história pode ser prazeroso e, ao mesmo tempo, divertido, afastando-se de um ambiente monótono muitas vezes criado em sala de aula.

O início de minha prática pedagógica foi no Estado, onde lecionei para o ensino fundamental e médio. No ensino médio noturno, lecionei em uma escola na região de Venda Nova. Tive uma identificação de imediato com os alunos, não tendo nenhum problema em ministrar as aulas e em me relacionar com alunos e colegas, o que tornou o lecionar algo muito prazeroso. Já no ensino fundamental lecionei em uma escola que atendia a alunos de uma vila na região da Pampulha, e como é de costume em algumas escolas me foram dadas as turmas com maior grau de dificuldade de aprendizagem, uma vez que eu era novata. As turmas eram tão problemáticas que ficavam em uma parte isolada da escola e para dificultar ainda mais, muitos alunos, apesar de estarem no 6.º ano, não sabiam ler e outros tinham problemas psicológicos e/ou familiares graves, correndo e gritando o tempo todo, enfim, foi preciso pensar um projeto adequado que envolvesse atividades bem simples, voltadas para o imagético em detrimento do textual, haja vista a dificuldade de leitura. Aos poucos fui me entendendo com as turmas e consegui a atenção deles com alguns acordos, por exemplo, ao estudarmos a cultura Greco-Romana e seus Deuses, estimulando-os a serem participativos para que, ao final da aula seguinte, assistíssemos a um episódio de Xena – a princesa guerreira, com o objetivo de ilustrar o espaço e tempo abordados na aula expositiva. Como previsto, no final do ano eles já tinham evoluído bastante e adoravam as aulas de História.

Hoje leciono para turmas do 3.º ciclo, na Escola Municipal José Maria Alkimim, no bairro Serra Verde, onde tenho um relacionamento tranquilo com alunos e colegas. A escola tem uma excelente biblioteca, com um grande acervo de livros e filmes, além de uma sala de vídeo e várias outras televisões com DVD. Conto ainda com o apoio da direção na elaboração de projetos pedagógicos.

O ensino de história está a meu ver intimamente ligado às artes, já que o homem é produto de seu tempo, assim como sua produção cultural. Sempre busco em minhas aulas uma

analogia entre a História e a cultura, trazendo para sala de aula imagens, símbolos, filmes, com os quais possa analisar juntamente com os alunos o modo como às pessoas viviam e se manifestavam culturalmente, bem como as formas pela quais as pessoas representavam suas vidas.

Penso que visitas com os alunos a exposições e museus também são muito importantes, já que temos o privilégio de estar em uma cidade na qual em seu entorno se localizam várias cidades históricas, possibilitando com isso a inclusão destas em meus projetos, sobretudo com visitas a cidades como Ouro preto, Belo Vale, Sabará ente outras. Este trabalho é facilitado pelo fato da Secretaria Municipal de Educação apoiar financeiramente tais iniciativas. Visitas a museus e exposições em Belo Horizonte também são frequentes no meu cronograma de aulas, já que no meu entender o contato visual, ou seja, o ver pessoalmente o que se estudou em sala de aula traz um grande enriquecimento ao saber adquirido.

A meu ver, o estudo de história deve ser prazeroso e inovador, não devendo ficar preso simplesmente à sala de aula. Por pensar e agir assim, em alguns momentos percebi certo preconceito por parte até mesmo de alguns colegas, que acham que uma aula nas mesas do pátio é atrapalhar a disciplina da escola, que excursão é simplesmente um passeio, e que passar filmes é preguiça de dar aula. Felizmente, na escola que me encontro hoje muitos têm aderido, ou pelo menos, compreendido que ações educativas desta natureza, quando planejadas e integradas a um projeto bem estruturado, contribuem significativamente para o crescimento escolar e social do aluno.

Por fim, este curso de especialização em Educação e Cinema pode enriquecer em muito o meu trabalho em sala de aula, permitindo atualizar-me, além de me conectar com novas práticas pedagógicas, avanços e mudanças que vêm ocorrendo na educação. Ademais, insta mencionar que o modo como desenvolvo o ensino de História se enquadra perfeitamente na área de concentração Educação e cinema. A escola tem se tornado obsoleta e chata para os jovens, pois eles hoje têm grande acesso a tecnologia e vivem hiper-conectados, encontrando-se em um mundo marcado pelos meios de comunicação audiovisuais e de imagens geradas por dispositivos digitais.

Infere-se com isso que a escola não deve lutar contra a tecnologia a sua volta, mas sim aliar-se a ela, a fim de que os jovens possam gostar e desejar estar na escola. Esta intervenção pedagógica destina-se aos adolescentes que estão cursando o 9.º ano do ensino

fundamental. Atualmente, trabalho com três turmas do mesmo referido ano, totalizando assim 105 (cento e cinco) alunos. Contudo, pretendi neste primeiro momento trabalhar com 28 alunos que se voluntariaram para participar de todas as etapas, participando o restante dos adolescentes apenas em momentos pontuais.

Como sou professora de História, quis trabalhar com eles algo relacionado ao conteúdo desta em acordo com o conteúdo programático do 9.º ano. Foram escolhidos três filmes que versam sobre a ditadura militar, sendo um documentário, um filme que trate o assunto de forma mais branda e outro que seja mais duro e direto a respeito do assunto, de modo a propiciar-lhes uma vista visão de como o cinema pode tratar um mesmo tema de formas tão distintas. Inicialmente, trabalharei com todos os alunos sobre a história do cinema, seu início, primeiros filmes e cinemas, dando uma visão geral sobre o assunto. Posteriormente, com os mais interessados no tema a se voluntariarem para terem aulas extras, foram organizadas aulas-oficinas, a fim de aprofundarmos os estudos sobre os Lumière. Em seguida, assistimos a fragmentos de filmes e convidamos os adolescentes a criarem seus próprios minutos Lumière. Continuamos com estas aulas, aonde estudamos sobre a História do cinema e vimos filmes na íntegra. Estes alunos assistiram aos filmes escolhidos e depois de debaterem escolheram um para ser exibido aos colegas, sendo estes alunos mediadores. Depois, todos os adolescentes assistiram ao filme escolhido sobre a Ditadura Militar no Brasil.

As perguntas a serem elucidadas e respondidas com esta intervenção seriam:

- Pode o conhecimento sobre o cinema mudar a forma dos adolescentes verem os filmes?
- Isto criaria uma diferença entre os participantes do projeto e os outros adolescentes?
- Eles poderiam se transformar em mediadores?

As aulas extras para os 28 alunos participantes do projeto foram dadas depois do horário regular e nos meus horários de projeto, com término em novembro, com duração de em média de uma hora, buscando a regularidade de no mínimo um encontro semanal o que, no entanto nem sempre foi possível.

I – Os filmes da primeira parte:

“Os dez primeiros filmes dos irmãos Lumière”, irmãos Lumière, de 1895.

“A História do Cinema Uma Odisseia”, Mark Cousins, 2011.

“Viagem a Lua”, Georges Méliès, 1902.

“O Grande Ditador”, Charles Chaplin”, 1940.

“A Velha a Fiar”, Humberto Mauro, 1960.

“Meow”, Marcos Magalhaes, 1981.

“Maré Capoeira” Paola Barreto, 2005.

“Uma História de Amor e Fúria”, Luiz Bologriesi, 2013.

II – Os três filmes escolhidos para segunda parte:

“Zuzu Angel” Sergio Resende, de 2006.

“Cabra Marcado para Morrer”, Eduardo Coutinho, de 1985.

“Várias Vidas de Joana”, Abelardo de Carvalho e Cavi Borges, de 2009.

Meu objetivo era: Criar nos adolescentes o gosto e interesse pelo cinema. levando a arte cinematográfica para escola, oferecer aos alunos uma diversidade de filmes para que saibam escolher bons filmes. Apresentar uma filmografia diferente da que estão acostumados. Além de provocar um novo olhar para o cinema de redescoberta e transformação, ensinar história através dos filmes. Mostrar a distinção entre obras de ficção e documentários e estimular uma leitura crítica e criativa dos filmes. Proporcionando condições para que os alunos se tornem mediadores de filmes em relação a seus pares. Acreditamos ter alcançado estes resultados, com efeitos duráveis nos sujeitos envolvidos, no entanto com níveis diferenciados em cada um.

2 – REFERENCIAL TEÓRICO

Levar o cinema até a escola não é uma proposta nova no sistema educacional, o próprio governo Federal vem se preocupando com isso como mostra a seguir o texto da lei nº 13.006 de 26 de junho de 2014.

Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido do seguinte § 8º:

“Art. 26.

§ 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.” (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 26 de junho de 2014; 193º da Independência e 126º da República.

DILMA ROUSSEFF

José Henrique Paim Fernandes

Marta Suplicy

A lei por si só já justificaria a inclusão do cinema na escola, porém será que basta exibir filmes nacionais para estudantes? Não seria muito mais interessante levar o cinema até eles como uma experiência estética nova, como algo capaz de causar uma revolução no olhar?

Nas escola atualmente o que se vê e que o cinema não está presente como uma forma de arte, mas sim como ilustrativo de alguma matéria dada pelo professor, ou pior ainda e na maioria dos casos ele é utilizado sem nenhum planejamento, pega-se qualquer filme adequado para idade das crianças e adolescentes e o passa para tapar buracos, como por exemplo a falta de professores ou como forma de relaxamento e descanso. É de extrema importância que se mude esta forma de se ver cinema nas escolas, pois além de divertimento ele é uma forma de arte e com o planejamento e informações adequadas ele pode ajudar a provocar uma mudança no olhar dos nossos jovens, não só para o cinema mas

também na forma de se ver o mundo.

A educação é um dos poucos espaços propícios ao recomeço, à mudança, pois ela está sempre em movimento devido aos aspectos socioculturais, às mudanças da vida, em busca do novo. A arte da docência é a vida em movimento, e é com este intuito que o cinema hoje pretende entrar na escola: como instrumento de mudança do olhar, como potencializador do gesto criativo.

Para Adriana Fresquet “Nada mais estrangeiro do que a arte no contexto escolar” (Fresquet, 2013, p.206), pois a arte é criativa, questionadora, deste modo o cinema enquanto arte deve ser levado para escola com o intuito de provocar um novo olhar, um novo modo de se ver o cinema e o mundo. Pretende incentivar as crianças e jovens a serem questionadores, curiosos, criativos e sensíveis. Para tal se faz necessária uma educação do olhar, segundo Adriana Fresquet ao comentar a proposta francesa de cinema na escola: “Bergala aposta na sucessão de uma exposição continua a bons filmes como uma estratégia sólida e não paternalista de formação do gosto” (Fresquet, 2013, p.212).

No entanto, nossas crianças e jovens são expostas diariamente somente a um tipo de cinema: o comercial. Cabem a nós professores oferecer a eles um leque de outras possibilidades, filmes com os quais não estão acostumados, de gêneros e épocas diversos.

O professor deve ser um mediador, um passador, um iniciador no domínio de uma arte, “é preciso desconstruir o mito da neutralidade” (Fresquet, 2013, p.222).

Não existe a imparcialidade do professor, na verdade ele é um mediador, já que este é quem vai selecionar as obras de acordo com seu conhecimento e sua cultura cinematográfica. Também é necessário que o professor inicie nos alunos uma leitura analítica e crítica dos filmes, para que eles se tornem revisadores dos mesmos e também aprendam a “tecer laços entre os filmes” (Bergala, 2008, p.67). O importante é que a criança e o jovem aprendam a não ser meros expectadores que aceitam tudo que lhes é imposto, mas que tenham um novo olhar no qual possam construir e desconstruir imagens, pelo qual consigam ler os símbolos.

É função dos professores oferecer bons filmes para os estudantes, mas não nos cabe tecer juízo de valor sobre estes, pois cinema é arte e como tal está ligado ao contexto social de sua época e seria impossível separar o que é arte do que não é, nas palavras de Hobsbawm:

A prática dos historiadores incluindo este, tratar os atos das artes por mais óbvias e profundas que sejam suas raízes na sociedade, como de algum modo separáveis de seu contexto contemporâneo, como um ramo ou tipo de atividade humana sujeito às próprias regras, e capazes de ser julgados como tal. Contudo, na era das

mais extraordinárias transformações da vida humana até hoje registradas, mesmo esse antigo e conveniente princípio de estruturar um estudo histórico se torna cada vez mais irreal. Não apenas por que as fronteiras entre o que é e o que não é classificável como arte, criação ou artifício, se tornam cada vez mais difusas, ou mesmo desaparecem completamente, ou porque uma escola influente de críticos literários no *fin-de-siècle* julgou impossível, irrelevante e não democrático decidir se Macbeth, de Shakespeare, é melhor ou pior que Batman, mas também porque as forças que determinavam o que acontecia com as artes, ou o que os observadores anacrônicos teriam chamado por esse nome, eram esmagadoramente exógenas. Como seria de se esperar numa era de extraordinária revolução técnico-científica, eram predominantemente tecnológicas. (HOBSBAWN, 1995, p. 483)

Sendo assim seria impossível decidir que “A Liberdade é azul” é arte e que “crepúsculo” não é ou dizer que Wood Allen é um artista genial e que Peter Jackson é um capitalista, pois ambos fazem arte mas cada um ao seu modo.

Hoje com os jovens nascidos na era da revolução Tecnológica, com acesso a uma infinita gama de informações, de imagens de filmes, seria um sacrilégio dizer a eles que um comercial de TV ou um Vídeo Clip de sua banda predileta não são obras de arte, ou que o filme de terror que adora é uma porcaria, mas que um filme de 1950 é a mais pura arte, mais uma vez citando Hobsbawm:

Contudo, a tecnologia não apenas tornou as artes onipresentes, mas transformou a maneira como eram percebidas. Dificilmente será possível recapitular a simples linearidade ou sequencialidade de percepção anteriores aos dias em que alta tecnologia tornou possível percorrer em alguns segundos toda gama de canais de televisão existentes, para alguém criado na era em que a música eletrônica e mecanicamente gerada é o som padrão ouvido na música popular ao vivo e gravada, em que qualquer criança pode congelar fotogramas e repetir o som ou trecho visual como antes só se podiam rever trechos textuais, quando a ilusão teatral não é nada em comparação com o que a tecnologia pode fazer em comerciais de televisão, inclusive contando uma história dramática em trinta segundos. A tecnologia transformou o mundo das artes, embora mais cedo e mais completamente o das artes e diversão populares que o das “grandes artes”, sobretudo as mais tradicionais. (HOBSBAWN, 1995, p. 485)

Cabe lembrar que não é nosso papel dizer o que é arte e o que não é, mas nos cabe o papel de oferecer aos adolescentes filmes com os quais eles não estão habituados, para que possam ampliar seu conhecimento e tecer suas próprias críticas. Tendo em vista que o ato de ver bons filmes pode nos tornar seres humanos melhores, já que eles podem nos defrontar com outras realidades, com outras sociedades, os jovens devem ser incentivados a buscar estes filmes, a fim de que a empatia por esses tipos de filmes se torne maior, mudando assim o olhar sobre o outro.

Para Rosália Duarte é possível “ensinar a ver”, pois a significação de filmes é gradual e articulada, levando-se em consideração os pares e os diferentes discursos

produzidos a respeito dos filmes, devemos então trazer o cinema para dentro da escola, em suas palavras:

Se o domínio dos códigos que compõem a linguagem audiovisual constituem *poder* em sociedades que produzem e consomem esse tipo de artefato, é tarefa dos meios educacionais oferecer os recursos adequados para aquisição desse domínio e para ampliação da *competência para ver*, do mesmo modo como fazemos com a competência para ler e escrever. (DUARTE, 2009, p. 68)

Segundo Rosália Duarte, também é importante investir na diversificação e pluralização da atmosfera cultural dos espectadores, já que o ambiente cultural é extremamente importante na formação do gosto e da crítica. As instituições educacionais ainda têm uma grande dificuldade de ver o cinema como fonte de conhecimento nas escolas onde, na maioria das vezes, são exibidos como divertimento e entretenimento e não como arte, ou seja, como portador de conhecimento. Os filmes não devem ser apresentados só pelo seu conteúdo programático, mas também pelo seu valor na produção cinematográfica. Para Rosália Duarte; “Do mesmo modo como temos buscado criar, nos diferentes níveis de ensino, estratégias para desenvolver o gosto pela literatura, precisamos encontrar maneiras adequadas para estimular o gosto pelo cinema” (Duarte, 2009, p.72).

Portanto, é de extrema importância que crianças e adolescentes conheçam pelo menos um pouco da história do cinema. “Narrativas fílmicas falam, descrevem formam e informam. Para fazer uso delas é preciso saber como elas fazem isso”. (Duarte, 2009, p.76)

Resta inegável para a autora, portanto, a necessidade da interação da criança com o filme.

3 – Contexto e desenvolvimento da realização do plano de ação.

Nesta etapa do texto relato todo o projeto de educação e cinema realizado na escola durante o ano de 2014. Encontros, filmes exibidos e colocações feitas pelos adolescentes participantes do mesmo, assim como os resultados.

3.1- A escola

A Escola Municipal José Maria Alkimim tem 37 anos e fica localizada na rua Benigno Fagundes, SN, no bairro Serra Verde, região Norte de Belo Horizonte, bem próxima da Cidade Administrativa e da rodovia estadual MG10. Trata-se de uma escola grande que atende em média 600 alunos por turno, estes, em sua maioria, vêm dos conjuntos de prédios residenciais que ficam no entorno da escola, recebendo também alunos de Santa Luzia e de bairros que ficam do outro lado da MG10, assim como alunos de três vilas próximas da escola. Estas vilas estão sempre em “Guerra” pelo controle do tráfico de drogas na região, o que tem levado muita violência para o bairro e para dentro da escola.

A escola atende aluno dos três ciclos do ensino fundamental, sendo que, no turno da tarde, no qual eu trabalho, estudam alunos do segundo e terceiro ciclos, isto é, de 9 a 16 anos. Como leciono História para o terceiro ciclo, neste ano de 2014 estou com oitavo e nono anos, sendo duas turmas de oitavo e quatro de nono, num total de seis turmas.

Em sua parte estrutural, para realização do projeto, a escola conta com uma sala de vídeo, com TV de tela plana, Data Show, cortinas, contudo a sala não é muito confortável por causa das cadeiras e do calor, mas nada que impossibilitasse a realização do projeto.

3.2- Sujeitos Envolvidos

Escolhi trabalhar com os alunos do nono ano neste projeto, por entender que eles tem uma maior maturidade e consciência crítica, adicionado ao fato de que o tema que escolhi, “Ditadura Militar no Brasil”, é estudado no nono ano, pois dentro do currículo escolar, assim como dos livros didáticos a Ditadura Militar sempre é apresentada para os alunos no último ano do ensino fundamental, nesta fase dos estudos de História do Brasil eles já tem o conhecimento para entender os acontecimentos da dita fase da História. Além

do que, este tema abre um grande leque para escolha dos filmes usados, já que existe uma grande filmografia sobre o assunto em questão.

O desejo sempre esteve no cerne da minha vida profissional. Como professora, acredito que o desejo é fundamental para o bom desenvolvimento escolar do jovem. Marlucy Alves Paraíso fala que: “ O desejo, que é fábrica, potência, alegria, é fundamental para aprender, para pensar, criar, construir, enfrentar os poderes, as dificuldades da vida, movimentar, deixar passar algo, produzir alegrias, viver.” (Paraíso, 2010, p.154). Em meu projeto de intervenção pedagógica trabalho com alunos voluntários que têm prazer e interesse em estarem ali.

O currículo escolar normalmente é fechado e deixa pouco espaço para o desejo, porém o cinema na escola vem de encontro com esse desejo, pois ele é uma potência criativa e pode tornar o aprender alegre e divertido, no meu caso, o aprendizado de História.

Após falar brevemente em sala de aula sobre o projeto e dar aos alunos uma visão geral deste, falei com eles que precisaria de voluntários para sua realização e que em princípio os encontros seriam no pós aula, das 17:30 as 18:00, de modo que só os alunos realmente interessados iriam participar.

Inicialmente, minha intenção era trabalhar com 20 a 25 alunos, porém 28 se voluntariaram, então resolvi seguir em frente com estes 28, pois supus que alguns iriam desistir e ao final eu ficaria com menos de 20, o que demonstrou ser um grande engano, uma vez que apenas uma aluna desistiu, permanecendo os outros 27 até o final. Foram enviados bilhetes aos pais informando da participação dos filhos e de que em alguns dias eles ficariam até mais tarde na escola.

O perfil destes alunos era bem diferenciado, assim como os motivos que os levaram a participar do projeto, todos tinham entre 14 e 16 anos, alguns “bons” alunos outros nem tanto, pelo menos não da maneira convencional. Entre os motivos relatados por eles estão: gostar de filmes e querer saber mais sobre cinema, gostar de História, gostar da professora e gostar de ficar na escola.

3.3- Relatório da Realização do Projeto

O primeiro encontro com o grupo de alunos se deu em 10 de setembro às 17h30. Neste encontro conversei um pouco com eles sobre os irmãos Lumiere, os primeiros filmes feitos por eles, e a partir daí fiz uma exibição de seus filmes exibidos em Paris em 1895.

Exibi uma seleção dos dez primeiros filmes, com menos de um minuto cada, exibidos pelos irmãos Lumière, para um público pagante no subsolo de um café em Paris.

Assistindo os filmes dos irmãos Lumière



Adolescentes na sala de vídeo vendo os primeiros filmes dos irmãos Lumière, permite que eles se assentassem na disposição que quisessem, para que ficassem bem a vontade, um pequeno grupo preferiu ficar próximo ao notebook, e assistir nele. Devido ao calor as janelas ficaram abertas e apesar de ter cortinas, estas não impedem toda luz de entrar.

Filme Chegada do Trem na Estação



Chegada do Trem a Estação.

Fonte: escolafluxo.com.br

Os irmãos Lumière desenvolveram o cinematógrafo, a primeira exibição pública de

um filme projetado em uma tela numa sala escura foi feita por eles em Paris no ano de 1895. Um dos filmes exibidos no dia que mais impressionou o público foi A chegada do Trem a Estação.

Os alunos gostaram bastante, se mostraram muito interessados e fizeram algumas perguntas, sobre como os filmes foram feitos, como eram as câmeras, se as pessoas gostaram e sobre a duração, alguns dos comentários foram;

Estudante R – que povo idiota ficar com medo de um trem na tela.

Estudante C- é que eles nunca tinham visto cinema.

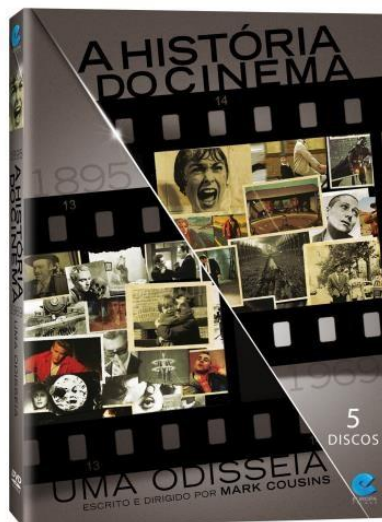
Estudante P- para eles era o mesmo que 3D hoje.

Estudante F- eles pagaram para ver só esse pouquinho?

Estudante L- as câmeras eram grandes, tipo aquelas de fotos antigas?

O segundo encontro se deu no dia 18 de setembro, pois como eu tinha projeto no último horário, ou seja, das 16h20 às 17h20, resolvi pedir aos professores que liberassem os alunos para que eu pudesse assim ter um tempo maior com eles, já que neste dia eu pretendia passar o primeiro episódio do documentário A História Do Cinema uma Odisseia, de Mark Cousins (Reino Unido, 2011). Episódio 1: No Início (1895 a 1918). 60 minutos.

Documentário: A História do Cinema – Uma Odisseia



A História do Cinema: Uma Odisseia.

Fonte: saraiva.com.br

O documentário faz um apanhado de toda história do cinema, no primeiro episódio dá um plano geral do que se trata e fala dos primórdios do cinema.

Os alunos se mostraram bem interessados, principalmente no início, mas com o passar do tempo o fato de ser legendado foi fazendo com que alguns perdessem o interesse, muito embora ao final fizessem perguntas sobre pessoas que apareceram durante o documentário e sobre alguns filmes. Fato interessante é que em sala de aula eu estava trabalhando a Segunda Guerra Mundial e dias depois passei para os alunos o filme “ O Resgate do Soldado Ryan”, no qual a cena inicial é o desembarque dos soldados nas praias da Normandia. Esta cena é bem destacada no documentário e os alunos participantes do projeto logo a reconheceram e passaram a explicar para os colegas detalhes dela, algo que eu não esperava, mas que acabou se tornando uma experiência bem rica.

O terceiro momento não foi um encontro propriamente dito. Na semana de 22 a 26 de Setembro, durante minhas aulas, eu emprestei minha câmera para os alunos participantes do projeto (em média 7 em cada turma) e lhes propus que criassem seu próprio Minuto Lumière, isto é, pequenos vídeos de um minuto cada feitos com a câmera fixa. Atentei para que tivessem o cuidado de não filmar rostos; dito isso eles saíram pela escola fazendo as filmagens. O resultado foi surpreendente, pois eles puderam soltar a imaginação e criatividade (os vídeos se encontram em um DVD nos anexos).

Criando o Minuto Lumière



Adolescentes procurando local para posicionar a câmera, eles andaram por toda escola, procurando o melhor local para fazer as filmagens de seus Minutos Lumiere.



Adolescentes fazendo seu Minuto Lumiere, usando a imaginação e a criatividade para criar algo diferente, o resultado ficou lindo e muito artístico. (pode ser visto no DVD em anexo.

Eles adoraram a atividade e alguns não queriam nem mesmo parar. Comentaram o fato de ter adorado a experiência de procurar enquadramentos, posição para câmera, e de ter de improvisar quando algo não dava certo, ou mesmo da raiva que ficavam quando um desavisado passava em frente a câmera atrapalhando a filmagem. Um dos alunos até comentou que gostaria de ser cineasta de tanto que gostou da experiência.

No dia 29 de setembro, nosso terceiro encontro, assistimos ‘Viagem a Lua’ de Georges Méliès (França, 1902). 16 minutos

Primeiro filme de ficção científica



Viagem a Lua

Fonte G1.globo.com

O filme trata de expedição a lua, onde os aventureiros encontram alienígenas, Méliès foi pioneiro ao criar seres espaciais e uma viagem ao espaço

.Os alunos acharam bem diferente do que estão acostumados, riram bastante, debocharam de algumas partes e, no geral, o consideraram divertido. Quando expliquei para eles que esse foi o primeiro filme com efeitos especiais e de ficção científica da história eles ficaram comparando com os efeitos dos filmes de hoje, um deles chegou a perguntar o que era ficção científica, mas não precisei responder, pois os próprios colegas se encarregaram disso.

O quinto encontro seria para projeção de alguns fragmentos de filmes de Charlie Chaplin, porem uma das meninas me procurou e pediu que eu passasse O Grande Ditador, então resolvi atender o seu pedido, pois já havíamos assistido a filmes mudos e seria interessante ver um filme já com falas. O encontro foi feito no mesmo esquema do segundo, no ultimo horário de uma quinta feira para que tivéssemos mais tempo. Foi então no dia 2 de outubro que vimos “O Grande Ditador” de Charles Chaplin (1940, EUA). 125 minutos.

Charles Chaplin



O Grande Ditador.

Fonte: revistadehistoria.com.br

O filme foi lançado em 15 de outubro de 1940 e satiriza o nazismo, o fascismo, e seu maior propagador, Adolf Hitler. Foi o primeiro filme falado de Chaplin, duas cenas do filme são clássicas, a em que o protagonista brinca com um balão no formato do globo terrestre e a cena final do discurso.

A maior parte dos adolescentes realmente amou o filme, algumas meninas se

emocionaram e choraram. Como já tinham estudado nas aulas sobre Fascismo e Nazismo, fizeram com facilidade analogias ao filme sem que eu precisasse intervir, o que me deixou muito feliz.

Estudante F: este é Hitler de verdade?

Estudante O: por que ele não queria fazer filmes falados?

Estudante P: o final é lindo eu e as meninas estamos até chorando. Ele é um gênio faz agente rir e chorar.

Estudante C: é muito legal a critica que ele faz ao nazismo. Adoro o Chaplin e todos os filmes dele.

Estudante W: é em preto e branco, mas é legal, não é chato como outros filmes antigos.

Estudante G: o filme é bem feito e com uma história legal, prende a atenção.

Depois de uma pausa voltamos a nos encontrar 27 de outubro, sendo este nosso sexto encontro. Resolvi então sair novamente do projeto inicial e passar para eles três curtas, pois queria dar-lhes uma maior visão das várias formas de fazer cinema. Entretanto, no dia tive de usar a televisão, pois o Datashow não estava disponível.

O Primeiro curta foi A Velha a Fiar de Humberto Mauro (1960, Brasil) 6 minutos.

A velha fiando



A Velha a Fiar.

Fonte: Kinoforum.org.br

Ilustra a velha canção popular do interior do Brasil, utilizando tipos e costumes das velhas fazendas em decadência.

Vendo a Velha a Fiar



Adolescentes assistindo A velha a Fiar na televisão.

Assistiram ao filme atentamente e ao final relataram um certo estranhamento.

Estudante J: assim como A Viagem a Lua, parece coisa muito antiga com técnicas velhas.

Estudante U: parece feito a mão, a aranha é muito mal feita.

Estudante G: foi feito para ser engraçado, mas parece idiota, brasileiro é 'f' mesmo o filme do Chaplin foi feito bem antes, mas é bem melhor.

Estudante R: a roça e legal, mas parece meio mal feito.

Estudante C: era a técnica que tinham na época, para eles era moderna.

O segundo curta foi Meow de Marcos Magalhaes (1981, Brasil) 8 minutos



Meow

Fonte: Vimeo.com

Um gato esfomeado fica sem leite e é convencido a tomar um certo refrigerante, nesta animação o gato é mais uma vítima da globalização.

Curtindo o curta



Adolescentes assistindo Meow, o segundo curta exibido no dia.

Os meninos riram muito e fizeram piada, alguns entenderam, outros não. Acredito que dos três curtas este foi o que mais gostaram, pois foi o que mais gerou comentários e analogias com a vida e o dia a dia, tiveram uma grande inteiração com este curta.

Estudante F: que gato feio, parece rabiscado.

Estudante G: a mídia faz isso, tenta nos fazer comprar as coisas.

Estudante P: é assim com a música e a pornografia, tentam nos fazer engolir.

Estudante R: se não vai por bem, vai na porrada.

Estudante A: tadinho do gatinho, igual a gente, quando vai acostumando muda tudo.

Estudante L: ele podia fugir e tentar encontrar outra coisa.

Estudante C: ninguém pode fugir da propaganda e da violência.

Estudante M: é tudo a mesma coisa, a propaganda é uma forma de violência contra as pessoas, ela nos abriga a coisas que nem queremos.

O terceiro escolhido foi Maré Capoeira de Paola Barreto (2005, Brasil) 14 minutos.



Mare Capoeira.

Fonte: guata.com.br

Mare é o apelido de Joao, um menino de dez anos que sonha ser mestre de capoeira como seu pai, dando continuidade a uma tradição familiar que atravessa várias gerações.

Gostaram, porém ficaram meio inquietos, se identificaram, mas não interagiram, acharam mais próximo da realidade, mas não gerou muitos comentários. Talvez pelo fato de já se encontrarem cansados por ser o terceiro curta e já querendo ir embora, assim sendo encerrei o encontro, pois não queria comentários forçados.

Por estar chegando o final do ano letivo e devido a problemas com datas tive que acelerar o projeto e para isso comecei a trabalhar com eles nos meus horários de projeto, um por dia, de 60 minutos. Para tal, contei com a colaboração dos outros professores em liberarem os alunos em algumas aulas. Tentei fazer o horário de maneira que não perdessem mais do que uma aula de cada matéria por semana, no entanto, nem todo dia trabalhava com os alunos, sendo em média dois dias por semana. Os professores foram bem solícitos, não se importando em ceder uma ou duas aulas, os alunos também não se importaram, alguns até gostaram do fato de trocar as aulas por filmes.

Apesar do curto tempo resolvi incluir mais um filme no projeto e no sétimo encontro exibi “Uma História de Amor e Fúria” de Luiz Bolognesi (2013, Brasil), 74 minutos.

Uma História de Amor e Fúria



Cena do filme Uma História de Amor e Fúria

Fonte: guiadasemana.com.br

Uma história de Amor e Fúria é um filme de animação que retrata o amor entre um herói imortal e Janaína, a mulher por quem é apaixonado há 600 anos. Como pano de fundo do romance, o longa ressalta quatro fases da história do Brasil: a colonização, a escravidão, o Regime Militar e o futuro, em 2006, quando haverá guerra pela água. Linguagem de HQ.

Devido ao tamanho do filme ele teve que ser dividido em dois dias, 5 e 6 de novembro, o que foi interessante pois os meninos criaram uma grande expectativa acerca de qual seria o final do filme. Eles adoraram, principalmente os fãs de Animes, ficaram empolgados por saber que as animações brasileiras já estavam num nível tão bom, três deles até pediram para assistir o making off. Além disso, adoraram a história.

Terminada essa fase entramos na fase final do projeto, onde os alunos assistiriam a três filmes com o mesmo tema: Ditadura Militar no Brasil e ao final escolheriam um para ser visto pelo restante dos colegas.

O primeiro filme escolhido foi o curta “Várias Vidas” de Joana de Abelardo de Carvalho e Cavi Borges (2009, Brasil). 10 minutos.

Varias Vidas De Joana



Cena do curta Varias Vidas de Joana
Fonte: centroculturalfasefmp.blogspot

Menina cresce no interior alheia aos principais acontecimentos do país. Aos dezoito anos desembarca no Rio de Janeiro sem imaginar o que a esperava pela frente. A data? Primeiro de abril de 1964. A partir de então, Joana e o Brasil nunca mais foram os mesmos.

Este foi exibido no nosso oitavo encontro, dia 11 de novembro. Eles gostaram das imagens, mas a maioria não entendeu muito bem o filme, disseram ser meio complicado e difícil de entender.

O segundo filme escolhido e exibido no nosso nono encontro teve que ser dividido em dois dias, 20 e 21 de novembro. O filme foi 'Cabra marcado Para Morrer' de Eduardo Coutinho (1984, Brasil) 119 minutos.

Cabra Marcado para Morrer



Cabra Marcado Para Morrer
Fonte: centoequatro.org

O filme é uma narrativa semidocumental da vida de João Pedro Teixeira, um líder camponês da Paraíba, assassinado em 1962. Em razão do golpe militar, as filmagens foram interrompidas em 1964. O engenho da Galileia foi cercado por forças policiais. Parte da equipe foi presa sob a alegação de "comunismo", e o restante se dispersou. O trabalho foi retomado 17 anos depois, recolhendo-se depoimentos dos camponeses que trabalharam nas primeiras filmagens e também da viúva de João Pedro, Elizabeth Altino Teixeira, que desde dezembro de 1964 vivera na clandestinidade, separada dos filhos. Reconstruiu-se assim a história de João Pedro e das Ligas camponesas de Galiléia e de Sapé.

A maioria não gostou, acharam cansativo, alguns pediram para não ver a segunda parte no dia seguinte, somente quatro meninas e um menino conseguiram comentar o filme e gostaram dele, o que foi bom para perceber que eles não estão acostumados com a linguagem de documentários.

Por fim, o último filme exibido no décimo encontro, também dividido em duas partes, nos dias 25 e 26 de novembro, foi Zuzu Angel de Sergio Resende (2006, Brasil) 98 minutos.

Zuzu Angel



Zuzu Angel

Fonte: tribunadoceara.uol.com

Conta a história da estilista Zuzu Angel que teve seu filho torturado e assassinado pela ditadura militar. Ela também foi morta em um acidente de carro forjado pelos militantes do exército ditatorial em 1976.

Eles gostaram bastante do filme e se sentiram bem confortáveis para fazer comentários a respeito do filme, dos personagens e das cenas, além de fazer ligações com as aulas de história, contrariamente ao que havia acontecido nos dois filmes anteriores.

Talvez, por já conhecerem os atores e pela linguagem do filme ser mais próxima da TV tenha tornado mais fácil para eles o entendimento e a identificação com o filme.

Nosso décimo primeiro e último encontro deu-se no dia 28 de novembro, nele os adolescentes escolheram o filme que seria assistido posteriormente pelos colegas e deram suas impressões sobre a participação no projeto.

Depois de um breve debate entre eles, sem a minha interferência, eles escolheram “Zuzu Angel” para ser exibido para os colegas, uma vez que, segundo eles, os outros meninos iriam gostar mais por ser mais dinâmico, com atores conhecidos, ter ação, romance e drama, além de relatarem também o fato do filme exemplificar bem a Ditadura no Brasil, com as cenas de tortura, protestos e perseguições. Alguns dos adolescentes pediram que também fosse exibido para os colegas “Uma História de Amor e Fúria”, por terem gostado muito e acreditarem que os colegas também gostariam, então prometi que se houvesse tempo eu iria exibir o filme, mas infelizmente com toda correria do final do ano não foi possível.

O filme “Zuzu Angel” foi exibido durante minhas aulas no mês de dezembro, dividido em duas aulas. Antes da exibição, os alunos participantes do projeto daquela turma apresentaram o filme aos colegas e tudo transcorreu tranquilamente, a recepção ao filme foi boa.

Quanto à participação no projeto, a crítica por parte deles foi bem positiva, alguns disseram ter gostado muito, que gostaram de conhecer outros tipos de filmes e que agora até prestavam atenção em filmes que antes não lhes interessavam, que adoraram a experiência de filmar e que foi legal ter aulas diferentes e poder sair da sala de aula.

Durante a realização do projeto tivemos alguns problemas, mas nada que não pudesse ser contornado, como por exemplo, a utilização da sala de vídeo para outros fins (reuniões, apresentações), desta maneira tive que mudar datas já agendadas. Outro problema foi quanto às avaliações externas que os alunos do nono ano tem de fazer, o que fez com que eu tivesse que alterar datas e causou um atraso no andamento. Outras coisas menores como o Datashow estar emprestado ou todas as extensões da escola terem sido levadas para uma festa, causaram um incômodo, mas com boa vontade consegui remediar. O que causou maior transtorno mesmo foi o fato de uma das professoras não ter aceitado liberar os alunos de nenhuma das suas aulas, o que me causou grandes problemas, pois em alguns momentos os alunos que estavam tendo aula com ela não puderam participar, mas isso só aconteceu em dois encontros, assim sendo o projeto saiu quase como o planejado.

3.4- Análise do resultado

Os resultados foram bem razoáveis, pois a participação e o interesse dos adolescentes foram muito bons. Atribuo isso em grande parte ao fato da participação deles ser voluntária e de termos um ótimo relacionamento. Durante todo processo pude perceber uma evolução na atitude deles diante dos filmes e em seus comentários, assim como do seu interesse por filmes, todos os dias chegavam com comentários sobre filmes que haviam visto em casa, sobre como comentavam com os pais e explicavam detalhes, também do interesse por filmes mais antigos e documentários.

Durante os filmes apresentados em sala de aula para todos os adolescentes eles se mostraram mais interessados e comentavam mais que os outros.

Creio que o projeto atingiu sim os resultados esperados, já que os adolescentes participantes aumentaram ou até mesmo criaram um gosto pelo cinema e de alguma forma se tornaram expectadores mais críticos e mediadores junto aos seus familiares e colegas.

A mudança ocorrida na postura dos alunos em relação aos filmes, não foi igual para todos, alguns demonstraram maior interesse, creio que nestes o gosto pelo cinema seja durável e até mesmo permanente, tendo assim uma continuidade no seu interesse por bons filmes, porém mesmo nos que demonstraram menor interesse creio que essa mudança mesmo sendo bem mais amena não vá desaparecer totalmente.

Outro ponto fundamental o qual eu não poderia deixar de relatar como um grande ganho foram os momentos prazerosos que passamos juntos, os meninos gostaram muito e tanto eu como eles ansiávamos pelo próximo encontro.

4 – Conclusão

Neste trabalho apresentamos uma reflexão sobre a prática pedagógica desenvolvida com os alunos do 9.º ano do EF da Escola Municipal José Maria Alckmin. Realizamos onze encontros nos quais foram exibidos onze filmes, que foram analisados e discutidos juntamente com os alunos. Além de lhes ter sido feito um breve relato sobre a história do cinema e sobre os diferentes tipos de filmes. Também foi realizada uma experiência de filmagem em que cada aluno realizou seu “minuto lumiere”.

Tudo no cinema é recheado de símbolos, nada é apenas aquilo que é apresentado. Nossa função como professores é a de sermos mediadores para que as crianças e jovens consigam ler as imagens cinematográficas, bem como iniciá-los para fazerem uma leitura analítica e crítica dos filmes, despidendo-os de pré-conceitos existentes. O importante é criar nos jovens um novo olhar, um novo modo de se ver cinema e o mundo a sua volta.

A partir do trabalho realizado, foi possível perceber que os adolescentes aumentam o seu interesse em relação ao cinema, principalmente dos filmes que não estão acostumados a ver, quando inseridos no mundo cinematográfico, descobrindo as diferentes formas existentes de se fazer filmes e novas possibilidades para conhecer o “fazer cinema”, bem como a oportunidade de aprenderem sobre enquadramento, imagem, som e de fazerem seus próprios “Minutos Lumiere”, o que lhes trouxe um novo olhar sobre o cinema. Além disso, saber um pouco sobre a história do cinema e sobre o trabalho por trás das câmeras, lhes deu novas possibilidades diante da tela do cinema, transformando-os em espectadores críticos e atentos, em detrimento da postura passiva de mero público.

Durante a realização do projeto, foi nítida a diferença entre os jovens que participaram do projeto e os que não participaram, em relação aos filmes assistidos. Pode-se, através de suas falas e feições, se ter o privilégio de ver seus olhos se abrindo para a magia do cinema e para todas as possibilidades que este mundo mágico lhes pode trazer.

REFERÊNCIAS

BERGALA, Alain. *A Hipótese-cinema. Pequeno Tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: Booklink-CINEAD/LISE/UFRJ, 2008.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

DUARTE, Rosália, *Cinema e educação: refletindo sobre cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FRESQUET, Adriana. *Cinema e educação. Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HOBBSAWM, Eric. *Era Dos Extremos, O breve Século XX 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

PARAÍSO, M. A.; *Pesquisas sobre Currículos e Culturas: temas, embates, problemas e possibilidades*. Curitiba; CRV, 20.

ANEXOS